

Trabalho informal: uberização do trabalho em Caçador, Santa Catarina

Informal work: uberization of work in the Caçador, Santa Catarina

Kelin Ferreira¹
Leandro Hupalo¹

¹Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp)

*Autor correspondente: kelinferreira2024@outlook.com.br

Resumo

O presente estudo tem como objetivo identificar e caracterizar a informalidade do trabalho em Caçador/SC, bem como analisar os impactos oriundos da uberização do trabalho na comunidade local e os dados oficiais sobre questões relacionadas à emprego e geração de renda nas plataformas do governo. O estudo, de natureza quantitativa e descritiva quanto aos objetivos, aplicou um questionário aos trabalhadores informais, com o propósito de entender e explicar os fatores que os levaram a se tornarem trabalhadores autônomos. A análise principal escolhida para este trabalho foi a problematização sobre o trabalho na informalidade. Entre os trabalhadores pesquisados 70% são mulheres e 30% homens, a cor/raça predominante dos entrevistados é branca (45%) e parda (40%) e a faixa etária predominante na pesquisa está entre 16 e 24 anos (40%). A uberização pode ser entendida como um conjunto de atividades laborais com flexibilização do trabalho.

Palavras-chave: Uberização. Trabalho Informal. Plataformas Digitais. Flexibilização do Trabalho. Pandemia.

Abstract

The present study is the result of an Administration Course Completion Work at a university located in the Midwest of Santa Catarina and aims to identify and characterize the informality of work in Caçador / SC, as well as to analyze the impacts

arising from the uberization of work in the local community and official data on issues related to employment and income generation on government platforms. The study is quantitative in nature, descriptive research was applied to a questionnaire to informal workers, in order to understand and explain the factors that led them to become self-employed workers. Information gathering and work experience at the end of the course. The main analysis chosen for this work was the problematization of informal work. Among the workers surveyed, 70% are women and 30% men, the predominant color / race of the interviewees is white (45%) and brown (40%) and the predominant age group in the survey is between 16 and 24 years (40%). Uberization can be understood as a set of work activities with flexible work.

Keywords: Uberization. Informal Work. Digital Platforms. Flexibility of Work. Pandemic.

1 Introdução

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um significativo aumento do trabalho informal no Brasil, especialmente devido à pandemia do novo coronavírus (IBGE, 2020). Os dados mostram que a taxa de informalidade subiu de 34% na última semana de maio para 35% na primeira semana de junho, com o número total de trabalhadores informais atingindo um pico de 29,9 milhões no início de maio, caindo ao longo do mês e voltando a subir em junho (IBGE, 2020). Uma pesquisa realizada pela Carta Capital revelou que o número de trabalhadores informais no Brasil atingiu um recorde de 38,8 milhões no trimestre encerrado em agosto de 2020 (Carta Capital, 2019).

Atualmente, os algoritmos ampliam as possibilidades de gestão sem regras formalmente definidas (Abilio, 2020). As plataformas digitais atuam como grandes mediadoras do trabalho, conectando empresas e trabalhadores através da interação digital (Moraes, 2020).

Assim, torna-se oportuno propor uma reflexão sobre o trabalho informal e seus impactos para a sociedade, especialmente em uma cidade do Meio Oeste de Santa Catarina, diante das mudanças nas relações de trabalho evidenciadas nas últimas

décadas. Esse debate busca alternativas para uma equalização justa entre o trabalho formal e o informal, garantindo dignidade e direitos para todos os trabalhadores.

Empresas que utilizam aplicativos para recrutamento de novos colaboradores operam através de plataformas digitais que combinam várias informações, processamento de dados, controle e vigilância do trabalho executado por esses trabalhadores, conforme explica Abilio (2019). O autor destaca que essas empresas negam qualquer tipo de subordinação e vínculo empregatício, mostrando que a subordinação e controle se tornam difíceis de mapear e gerenciar.

Este estudo é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso de Administração em uma universidade localizada no Meio Oeste de Santa Catarina. O objetivo é identificar e caracterizar a informalidade do trabalho em Caçador/SC, além de analisar os impactos da uberização do trabalho na comunidade local e os dados oficiais sobre emprego e geração de renda nas plataformas governamentais.

A pesquisa é quantitativa, utilizando um questionário semiestruturado aplicado aos trabalhadores informais de Caçador por meio do Google Forms. É descritiva, baseada na análise de artigos, documentários, sites e plataformas governamentais, e não probabilística, devido à ausência de um método para mensurar a quantidade de trabalhadores informais na cidade de Caçador/SC.

Os autores buscam entender a problemática do trabalho informal em Caçador, correlacionando os dados com as plataformas governamentais. Na seção de resultados e discussões, assim como nas considerações finais, serão apresentados de forma clara os resultados obtidos ao longo do estudo.

2 Fundamentação teórica

A uberização pode ser entendida como um conjunto de atividades laborais com flexibilização do trabalho, onde os trabalhadores atuam de forma autônoma e têm a liberdade de escolher suas tarefas, mas não têm autonomia para definir seu salário e frequentemente enfrentam jornadas de trabalho prolongadas (Silva, 2019). Esse fenômeno surgiu no contexto global durante crises em vários países, aproveitando-se do trabalho fragmentado e do declínio do emprego tradicional (De Sá; De Lima, 2019).

Segundo Vianna; Moura; Calderari (2018), o termo uberização deriva da plataforma Uber, na qual a solicitação do serviço é realizada por meio de uma

plataforma digital conectada à Internet. Para Franco e Ferraz (2019), a uberização representa uma tendência de substituir o trabalho tradicional por pequenas tarefas realizadas por indivíduos que disponibilizam seu tempo e esforço em troca de algum retorno financeiro ou não.

Dias (2020) observa que a uberização está fundamentada na economia de compartilhamento, mas carece de distinção entre trabalhadores e gestores. Esse processo de flexibilização e precarização do trabalho traz diversas repercussões, como a superexploração da força de trabalho, prolongamento das jornadas e aumento da intensidade do trabalho. Além disso, os trabalhadores frequentemente recebem remuneração abaixo do valor de seu trabalho, enfrentando condições precárias (Lira *et al.*, 2020).

Historicamente, o conceito de trabalho informal era associado a condições precárias em países subdesenvolvidos até a década de 1970. No discurso neoliberal da época, acreditava-se que o capitalismo não tinha ainda a capacidade de absorver toda a força de trabalho, resultando em lacunas inevitáveis que seriam temporárias (De Souza; Lussi, 2020). A partir da década de 1990, as plataformas digitais ganharam destaque com o avanço da internet e da telefonia móvel, unindo tecnologia e pessoas e facilitando a comunicação (Araujo, 2018).

O século XXI trouxe um novo contexto político, econômico e cultural, com transformações nos hábitos e costumes que evidenciam o caráter evolutivo da cultura. Cada nova geração vivencia acréscimos à cultura anterior, adaptando e transformando antigos hábitos (Ferrer; De Oliveira, 2018). No Brasil, as dificuldades quanto ao trabalho informal foram mais acentuadas na década de 1990, com a introdução de um neoliberalismo caracterizado pela regulação econômica e integração ao mercado global. Isso resultou em precariedade no trabalho e aumentou a informalidade (Lima; Costa, 2016).

Atualmente, o trabalho informal está presente em vários setores, como transporte, comunicação, financiamento e produção (Fontes, 2017). A tecnologia digital, especialmente as plataformas digitais, tem transformado o formato de trabalho, oferecendo novas oportunidades para empresas e trabalhadores autônomos. O gerenciamento algorítmico permite cruzar e administrar uma ampla gama de dados em tempo real, influenciando a atividade dos trabalhadores e extraindo novas definições e procedimentos (Abilio, 2020).

A uberização, especialmente nas grandes metrópoles, se tornou um fenômeno visível com motoristas da Uber e entregadores em motocicletas. Em grandes centros urbanos, muitos jovens, principalmente negros e de periferias, atuam como *bike boys*, pedalando longas distâncias diariamente para obter um ganho mensal modesto (Abilio, 2020). A tecnologia GPS é um grande aliado para esses trabalhadores, ajudando a mapear regiões e otimizar rotas (Araujo, 2018).

Os trabalhadores de delivery, especialmente durante a pandemia, enfrentam riscos adicionais de contaminação pelo coronavírus, além dos perigos inerentes ao trânsito. O formato delivery cresceu consideravelmente como resposta à necessidade de manter atividades econômicas durante as restrições impostas pela pandemia (De Almeida Aquino; Pilate; Da Silva, 2020). Muitos trabalhadores recorrem a plataformas de aplicativos para se manterem economicamente ativos, muitas vezes sem outra opção viável (Franco; Ferraz, 2019).

O trabalho informal tem uma longa história, com vendedores ambulantes desempenhando um papel crucial no comércio e na economia desde os tempos coloniais no Brasil (Amorim, 2019). Após a abolição da escravidão, muitos ex-escravos recorreram ao comércio ambulante como meio de sobrevivência, enfrentando represálias e preconceitos. Nos dias de hoje, vendedores ambulantes ainda enfrentam tratamento hostil de órgãos reguladores em grandes cidades.

A renda familiar não é composta apenas pelo salário do marido, mas por todos os membros da família que contribuem financeiramente. Muitas mulheres ainda trabalham como diaristas, equilibrando essa atividade com as tarefas domésticas, contribuindo significativamente para a renda familiar (Myrrha; Wajnman, 2008). O trabalho doméstico é majoritariamente realizado por mulheres, sendo dividido entre mensalistas, que têm contrato fixo, e diaristas, que trabalham de forma autônoma em vários domicílios, geralmente ganhando mais por trabalharem na informalidade (Myrrha; Wajnman, 2008).

Este panorama histórico e contemporâneo do trabalho informal no Brasil revela a complexidade e os desafios enfrentados por trabalhadores que, apesar de sua autonomia, estão submetidos a condições precárias e instáveis.

3 Metodologia

A pesquisa científica é a concretização de um estudo bem delineado, cujo objetivo é reconhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para que isso ocorra, é necessário realizá-la de maneira sistemática, seguindo métodos rigorosos, pois os resultados devem contribuir para o avanço do conhecimento humano.

Gil (2007, p. 17) explica que "a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos". Este processo envolve várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. Para que o estudo seja concluído com sucesso, é essencial seguir uma metodologia bem definida. Fonseca (2002) conceitua a metodologia como o estudo da organização e dos caminhos a serem percorridos para realizar uma pesquisa ou um estudo científico. Em outras palavras, a metodologia é o estudo dos instrumentos utilizados para conduzir uma pesquisa científica.

A metodologia representa a "espinha dorsal" de qualquer pesquisa. Independentemente da natureza da pesquisa, ela deve apoiar-se em um tripé fundamental: o domínio do conhecimento específico, teórico e conceitual; o domínio da metodologia a ser aplicada; e o domínio das técnicas de apoio para a operacionalização do trabalho (Ross, 1990). Assim, os critérios adotados para classificar o tipo de pesquisa variam de acordo com a metodologia aplicada.

Esta pesquisa caracteriza-se como quantitativa em relação à abordagem, aplicada quanto à natureza, exploratória quanto aos objetivos e de levantamento quanto aos procedimentos (Manzato; Santos, 2012). A abordagem quantitativa permite a análise estatística dos dados coletados, fornecendo uma visão objetiva e mensurável das questões socioeconômicas e laborais dos trabalhadores informais. A natureza aplicada da pesquisa visa resolver problemas específicos e imediatos relacionados à informalidade do trabalho, enquanto os objetivos exploratórios buscam entender melhor o fenômeno da uberização e seus impactos na cidade de Caçador/SC. O procedimento de levantamento foi utilizado para obter dados primários diretamente dos trabalhadores informais através de questionários estruturados.

O universo investigado é composto por trabalhadores informais de Caçador/SC, e a amostra é caracterizada por aqueles que atuam na informalidade no perímetro urbano da cidade. Para o levantamento das informações, foi aplicado um questionário com 30 questões, visando obter dados relativos às questões socioeconômicas e laborais desses trabalhadores. O questionário foi elaborado pelos autores, adaptando à realidade

da região analisada, com base nos estudos de Matos (2010), DIEESE (2012) e Pamplona (2013).

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico, composto por livros, artigos acadêmicos, revistas, periódicos, sites, plataformas governamentais, dissertações e teses, para fundamentar o estudo sobre o tema da uberização. Em seguida, ocorreu a coleta de dados através da aplicação de um questionário contendo perguntas de múltipla escolha, ordenadas de acordo com um critério predeterminado. Os questionários foram aplicados entre outubro e novembro de 2020 e, ao todo, foram obtidas 20 respostas válidas. Por não haver uma base de dados de trabalhadores informais no município de Caçador/SC, a amostra foi obtida por conveniência, a partir de entrevistas e indicações de outros trabalhadores informais e, desta forma, embora limitada, foi representativa para o contexto específico da pesquisa. Utilizou-se, para a análise dos dados, técnicas de estatística descritiva com uso de quadro e gráficos.

A pesquisa é quantitativa, descritiva e não probabilística. A análise dos dados coletados permitiu identificar e caracterizar a informalidade do trabalho em Caçador/SC, assim como analisar os impactos oriundos da uberização do trabalho na comunidade local. Os resultados e discussões foram baseados nas respostas dos questionários, correlacionando os dados obtidos com informações de plataformas governamentais e outros estudos já realizados. Esta metodologia possibilitou uma compreensão detalhada das condições socioeconômicas e laborais dos trabalhadores informais, contribuindo para o debate sobre a informalidade e propondo alternativas para melhorar as condições desses trabalhadores.

4 Análise e discussão dos Resultados

O levantamento de dados foi realizado através de um questionário semiestruturado utilizando a plataforma de formulários do Google, aplicado a trabalhadores que atendessem aos seguintes critérios: ser trabalhador informal no município de Caçador/SC e aceitar participar da pesquisa por meio da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. O questionário gerou um roteiro de entrevistas organizado em três eixos prioritários: perfil do trabalhador, aspectos sociais e de trabalho, e aspectos relacionados à saúde. Ao todo, 20 pessoas participaram da pesquisa, cujos dados e análises são apresentados a seguir.

A pesquisa é não probabilística, pois não há como mensurar o número exato de trabalhadores informais na cidade de Caçador devido à ausência de um órgão regulamentador que possa auxiliar na coleta desses dados.

Entre os trabalhadores pesquisados, 70% são mulheres e 30% homens, corroborando com os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que indicam que o índice de desemprego formal na América Latina é superior para o público feminino, favorecendo uma condição de informalidade no trabalho e a busca pela geração de renda (OIT, 2016).

A cor/raça predominante dos entrevistados é branca (45%) e parda (40%), e a faixa etária predominante está entre 16 e 24 anos (40%). Segundo pesquisa da consultoria IDados aplicada em São Paulo em 2019, 9 entre 10 pessoas entre 18 e 24 anos estão na informalidade, trabalhando sem carteira assinada ou por conta própria (Tuon, 2019). Embora estes dados sejam de um grande centro urbano como São Paulo, a situação em Santa Catarina não é diferente. De acordo com números do IBGE, entre 2012 e 2019, a taxa de jovens desempregados no estado aumentou 143% (NSC, 2020).

Em relação à escolaridade dos entrevistados, constatou-se que apenas 15% possuem ensino superior completo, enquanto a maioria possui apenas o ensino médio completo (35%). Segundo o DataSebrae, em 2014, apenas 16% dos empreendedores brasileiros tinham ensino superior completo e, entre aqueles com ensino fundamental incompleto, o índice atingiu 34% (DATASEBRAE, 2020). Percebe-se uma relação direta entre o nível de escolaridade dos trabalhadores entrevistados e a informalidade laboral.

Além de dados sobre escolaridade, gênero e faixa etária, informações relacionadas aos aspectos sociais e laborais também são relevantes para identificar o perfil dos trabalhadores informais de Caçador/SC. Segundo os dados da pesquisa, 45% dos entrevistados são solteiros e a maioria possuem filhos (55%), com predominância para até um filho.

Sobre a posição que o trabalhador informal ocupa no lar, constatou-se que 70% são filhos ou cônjuges e 30% são chefes do domicílio, indicando que o trabalho informal, muitas vezes, não é apenas a fonte principal de renda de algumas famílias, mas também uma forma de complemento financeiro. Outro dado importante é a quantidade de pessoas que residem no mesmo domicílio: 60% dos entrevistados têm entre 2 e 5 moradores em suas residências, demonstrando um nível de dependência

financeira dos demais membros familiares em relação à atividade laboral informal exercida pelo entrevistado.

Os dados sugerem que o trabalhador informal de Caçador/SC possui uma família composta por mais de 3 pessoas (40%) e que, para a maioria dos entrevistados, o trabalho informal caracteriza-se pela complementaridade da renda, visto que apenas 30% dos trabalhadores são chefes de domicílio e, nessa condição, têm na informalidade a principal fonte de renda da residência.

Um indicador relevante sobre o perfil do trabalhador informal de Caçador/SC está relacionado ao acesso a serviços bancários, como cartão de crédito e cheque especial. Entre os trabalhadores entrevistados, a grande maioria (87%) possui conta em banco, porém, apenas 5% têm acesso ao cheque especial. Para 70% dos trabalhadores, o cartão de crédito é uma possibilidade de compra parcelada, embora sem as mesmas condições de juros e prazos oferecidos em programas de incentivo a micro e pequenos empreendedores.

O Quadro 1 apresenta os principais dados resumidos sobre o perfil do trabalhador informal de Caçador/SC.

Quadro 1 – Perfil do trabalhador informal

Indicador	Resultado
Gênero	70% mulheres, 30% homens
Cor/Raça	45% branca, 40% parda
Faixa etária	40% entre 16 e 24 anos
Escolaridade	15% ensino superior, 35% ensino médio
Estado civil	45% solteiros, 55% têm filhos
Chefia de domicílio	30% chefes do domicílio, 70% dependentes
Moradores por domicílio	60% com 2 a 5 moradores
Conta bancária	87% possuem conta, 5% têm cheque especial
Cartão de crédito	70% têm cartão de crédito
Convênio médico	30% têm convênio médico
Renda pessoal mensal	30% até 1 salário-mínimo, 60% de 1 a 3 salários
Setor de atuação	40% serviços, 20% alimentação, 20% vestuário
Jornada semanal	45% trabalham mais de 40 horas
Trabalho em finais de semana	65% trabalham nos finais de semana
Motivo do trabalho informal	45% para renda extra, 20% para crescimento financeiro
Interesse em formalização	40% não têm interesse em formalização
Tempo de negócio em atividade	70% com negócio há menos de 5 anos

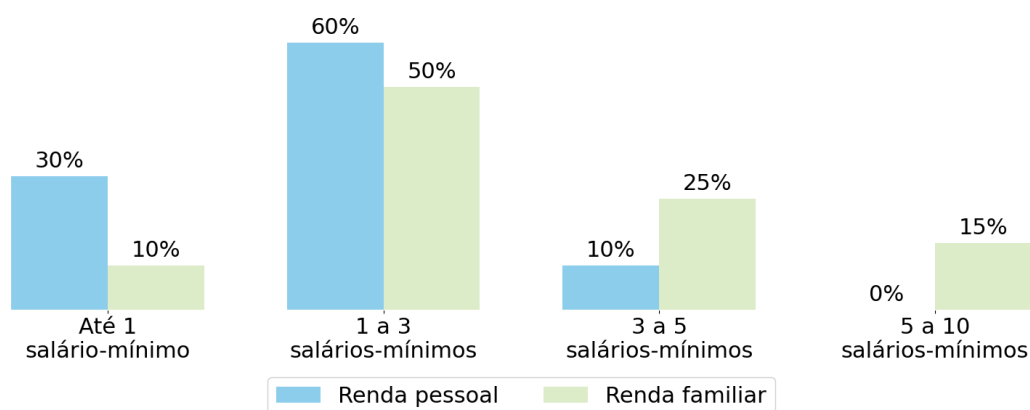
Fonte: os autores (2020).

Durante a pandemia, diversos programas de crédito foram lançados, principalmente pelo governo federal, alguns destinados a trabalhadores informais. Contudo, a burocracia do processo e a falta de garantias por parte do trabalhador constituíram entraves ao acesso ao crédito. A falta de capacitação e orientação aos trabalhadores informais também é um fator importante para a perpetuação desta condição.

A uberização tem como característica a superação contínua de obstáculos e a responsabilização do trabalhador informal pelo seu sucesso ou fracasso. Na busca por manter a atividade de forma a gerar renda, os trabalhadores submetem-se, muitas vezes, a condições precárias de trabalho que interferem significativamente na saúde. Segundo a pesquisa, apenas 30% dos entrevistados possuem convênio médico e apenas 20% possuem convênio odontológico. Este dado reflete a importância do trabalho formal, principalmente em empresas que possuem programas voltados à saúde do trabalhador, contrapondo-se à condição da informalidade, onde cada trabalhador precisa garantir, a suas custas, o acesso à saúde para si e seus dependentes (Pialarissi, 2017; Cruz; Ferla; Lemos, 2018).

O Gráfico 1 apresenta uma comparação entre a renda pessoal e renda familiar do trabalhador informal de Caçador/SC.

Gráfico 1 – Renda pessoal e renda familiar do trabalhador informal



Fonte: os autores (2020).

Conforme o Gráfico 1, 30% recebe até um salário-mínimo, 60% recebem de 1 a 3 salários-mínimos e 10% de 3 a 5 salários-mínimos. Em termos de renda familiar, 10% recebem até um salário-mínimo, 50% de 1 a 3 salários-mínimos, 25% de 3 a 5

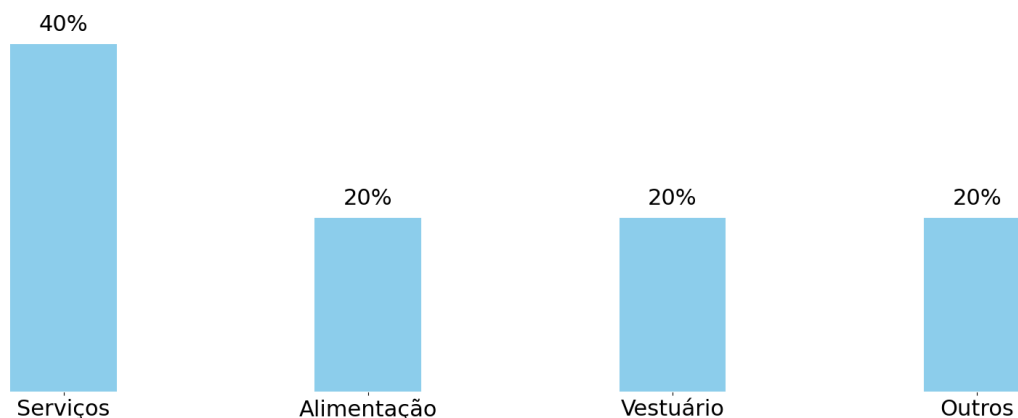
salários-mínimos e 15% de 5 a 10 salários-mínimos. Observa-se que a predominância da renda pessoal mensal é de 1 a 3 salários-mínimos para 60% dos trabalhadores informais e, em relação à renda familiar, 50% dos participantes da pesquisa também recebem de 1 a 3 salários-mínimos.

A informalidade do trabalho também é evidente no número de trabalhadores entrevistados (65%) que não possuem alvará junto à Prefeitura de Caçador/SC para regularizar o funcionamento do negócio. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em fevereiro de 2020, a taxa de trabalhadores informais era de 40,6% entre a população ocupada, totalizando aproximadamente 38 milhões de trabalhadores sem condições formais de trabalho (Nitihara, 2020).

Dos participantes da pesquisa, a maioria (70%) está com o negócio em funcionamento há menos de 5 anos, refletindo o impacto da crise econômica dos últimos anos no Brasil. Sobre o incentivo para abrir o negócio, 65% dos entrevistados afirmaram que não receberam apoio de sindicatos, organizações, cooperativas ou pontos de atendimento ao trabalhador. A falta de incentivo e orientação leva muitos empreendedores a fecharem seus negócios ainda nos primeiros anos de existência. Segundo um estudo do Sebrae, publicado em 2013, cerca de 25% das empresas fecham após 2 anos de existência, principalmente devido à falta de conhecimentos básicos em áreas como marketing, finanças, planejamento e gestão (Sebrae, 2013).

O Gráfico 2 apresenta a distribuição do trabalhador informal de Caçador/SC por atividade econômica.

Gráfico 2 – Distribuição do trabalhador informal por atividade econômica



Fonte: os autores (2020).

A partir do Gráfico 2 evidencia-se que a maioria dos trabalhadores informais de Caçador/SC que participaram da pesquisa atua no setor de serviços (40%), seguido pelo ramo de alimentação (20%) e vestuário (20%). A atividade de venda de produtos, mercadorias e serviços é a ocupação predominante para os entrevistados (55%). Em relação à jornada de trabalho dos trabalhadores informais, destaca-se a grande quantidade de horas dedicadas à atividade laboral: 45% trabalham mais de 40 horas semanais. Um trabalhador formal, devidamente registrado, trabalha em média 40 horas semanais e, se necessário dedicar-se mais à atividade laboral, tem seus direitos trabalhistas garantidos, como horas extras ou banco de horas. Já o trabalhador informal, pela natureza de seu trabalho e pela falta de vínculo empregatício, não tem as mesmas garantias e submete-se às demandas de trabalho conforme solicitado.

Entre os trabalhadores informais entrevistados, 65% trabalham com frequência nos finais de semana e feriados, 20% somente quando necessário, e apenas 15% responderam que não trabalham nesses dias. Quando questionados sobre os motivos que os levaram a serem donos do próprio negócio ou a trabalhar informalmente, 45% indicaram a busca por renda extra, 20% citaram o crescimento financeiro, 15% mencionaram o desemprego, 10% o salário baixo e 10% outros motivos.

Sobre o interesse em regularizar a atividade laboral informal, 40% dos entrevistados não têm interesse. Essa falta de interesse deve-se à falta de conhecimento sobre taxas tributárias e à ausência de incentivo e informação por parte dos órgãos reguladores, como a Sala do Empreendedor, uma iniciativa do Sebrae. Em relação a ter outra fonte de renda, 60% dos entrevistados afirmaram não possuir outro tipo de renda ou trabalho e nenhum dos respondentes faz parte de sindicatos, associações ou cooperativas, demonstrando a falta de organização enquanto classe e, conseqüentemente, a ausência de assistência em questões relevantes para a atividade laboral.

A análise dos dados coletados na pesquisa sobre trabalhadores informais em Caçador/SC revela um panorama preocupante sobre as condições de trabalho e a vida desses indivíduos. A predominância de mulheres (70%) entre os entrevistados, assim como a alta taxa de informalidade, reflete um padrão observado em diversas pesquisas que apontam para a vulnerabilidade econômica e social do público feminino na

América Latina. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) já havia destacado que as mulheres enfrentam maiores dificuldades para acessar empregos formais, o que as leva a buscar alternativas informais para a geração de renda (Miquilin *et al.*, 2013). Essa realidade é ainda mais acentuada em contextos de crise econômica, como o que o Brasil enfrenta, onde a informalidade se torna uma estratégia de sobrevivência para muitos.

Além disso, a baixa escolaridade dos trabalhadores informais, com apenas 15% possuindo ensino superior completo, está diretamente relacionada à sua condição de informalidade. Estudos anteriores, como o realizado por Tuon (2019), corroboram essa relação, evidenciando que a falta de qualificação profissional limita as oportunidades de emprego formal, perpetuando um ciclo de pobreza e exclusão social (Pialarissi, 2017). A situação em Santa Catarina, onde a taxa de desemprego entre os jovens aumentou significativamente, reforça a necessidade de políticas públicas que promovam a educação e a capacitação profissional, a fim de facilitar a transição para o trabalho formal e melhorar as condições de vida desses trabalhadores (Carvalho; Aguiar, 2017).

Outro aspecto relevante é a questão da saúde e do acesso a serviços médicos. A pesquisa revelou que apenas 30% dos trabalhadores informais possuem convênio médico, o que é alarmante, considerando que a saúde é um dos pilares fundamentais para a qualidade de vida e a produtividade no trabalho. A precarização das condições laborais, como apontado por (Pialarissi, 2017), está diretamente ligada ao aumento de doenças ocupacionais e à deterioração da saúde mental dos trabalhadores (Giatti; Barreto, 2011). A falta de acesso a serviços de saúde adequados, combinada com a pressão para gerar renda em condições adversas, contribui para um estado de vulnerabilidade que pode ter consequências graves tanto para os trabalhadores quanto para suas famílias.

Nesse sentido, a pesquisa indica que a informalidade não é apenas uma questão econômica, mas também um fenômeno social complexo que requer uma abordagem multidimensional. É fundamental que as políticas públicas sejam direcionadas não apenas para a formalização do trabalho, mas também para a promoção da saúde, educação e capacitação profissional. A construção de redes de apoio e a oferta de serviços de orientação e capacitação são essenciais para que os trabalhadores informais possam transitar para uma condição de maior segurança e dignidade no trabalho. A

promoção da saúde do trabalhador deve ser uma prioridade nas agendas governamentais, considerando a intersecção entre trabalho, saúde e bem-estar social (Roloff *et al.*, 2019; Bertusso *et al.*, 2014).

5 Considerações finais

Conforme proposto no início deste trabalho, ao longo do estudo foram apresentados dados oficiais sobre o trabalho informal no Brasil, que, a partir da pesquisa de campo realizada em Caçador/SC, confirmaram essa mesma realidade. A uberização, uma forma de trabalho informal caracterizada pela ausência de direitos fundamentais, é uma realidade não apenas nos grandes centros urbanos, mas também no interior do país. Esse fenômeno está evidenciando um crescimento significativo e modificando o mercado de trabalho atual.

A pandemia do novo coronavírus acelerou essa mudança, onde empresas, empresários e a sociedade buscaram oportunidades diversificadas para manter suas condições de vida. Alguns trabalhadores encontraram apoio nas plataformas digitais, enquanto outros investiram na mobilidade urbana e em outras áreas de atuação.

A partir dos dados coletados e analisados, concluiu-se que apenas 25% dos respondentes desconhecem programas de incentivo aos micro e pequenos empreendedores e trabalhadores informais. Em contrapartida, 40% dos entrevistados não têm interesse em regularizar seus negócios, o que pode ser justificado pela falta de conhecimento e pela atuação limitada dos órgãos e entidades de fiscalização e orientação.

Os resultados da pesquisa indicam também uma tendência de busca pelo empreendedorismo cada vez mais cedo por parte dos jovens, que muitas vezes deixam a escolarização de lado para investir tempo no trabalho informal. De acordo com os dados de pesquisas em larga escala realizadas em âmbito nacional, a falta de perspectiva quanto ao futuro do trabalho, muitas vezes devido à falta de oportunidades de concluir o ensino superior, insere os jovens na informalidade como uma forma de complementação de renda. No entanto, essa informalidade, aliada à ausência de programas sólidos de orientação e capacitação para o pequeno empreendedor, sugere um cenário de precariedade laboral com consequências significativas, inclusive para a saúde do trabalhador.

Recomenda-se que esta pesquisa tenha continuidade e que mais áreas sejam contempladas em estudos futuros, buscando uma maior correlação com pesquisas realizadas em larga escala no cenário regional e nacional. Embora esta pesquisa tenha sido aplicada a um contingente pequeno de entrevistados, os resultados apontam para o crescimento da informalidade laboral, indicando que o termo "uberização" está se tornando cada vez mais parte da rotina dos trabalhadores de Caçador/SC.

6 Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) “Edital 19/2024”.

Referências

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? 1. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3498.008

ABÍLIO, L. C. Uberização: Fazer empreendedorismo para autogestão de subordinados. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3, pág. 41-51, nov. 2019. DOI: 10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue3-fulltext-1674

AMORIM, P. V. **Trabalho informal no Recife**: perfil, trajetórias e estratégias de reprodução do comércio ambulante, p. 01-106. 2019. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://www.repository.ufrpe.br/handle/123456789/2082>. Acesso em: 30 set. 2020.

AQUINO, J. V. M de A.; PILATE, Fabiano Diniz de Queiroz; DA SILVA, Ynes Félix. Uberização do trabalho e os riscos à saúde dos entregadores por aplicativo frente à pandemia da Covid-19. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**, v. 6, n. 11, p. 46-69, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/10617>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ARAUJO, J. N. de. O estudo dos impactos do uso de plataformas digitais, dentro do modelo de economia compartilhada, e da consequente “uberização” da economia, para os usuários finais. **Pantheon Repositório Institucional da UFRJ**, p. 1-43, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/12086>. Acesso em: 14 out. 2020.

BERTUSSO, F. et al. Promoção da saúde do trabalhador: análise das ações propostas por concluintes de um curso de capacitação (2012). **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 35, n. 2, p. 39-50, 2014. DOI: 10.5433/1679-0367.2014v35n2p39.

- CARTA CAPITAL. **Trabalho informal bate recorde no Brasil, diz IBGE**. 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/Politica/trabalho-informal-bate-recorde-no-brasil-diz-ibge/>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- CARVALHO, J. de J.; AGUIAR, M. G. G. Qualidade de vida e condições de trabalho de feirantes. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, v. 7, n. 3, 2017. DOI: 10.13102/rscdauefs.v0i0.1943.
- CRUZ, A. P. de C.; FERLA, A. A.; LEMOS, F. C. S. Alguns aspectos da política nacional de saúde do trabalhador no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. e154362, 2018. DOI: 10.1590/1807-0310/2018v30154362.
- DATASEBRAE. **Perfil dos Empreendedores**. 2020. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/perfil-dos-empresarios/#escolaridade>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- DE SÁ, E. V. H. C.; DE LIMA, F. P. R. M. Tratamento jurídico das modalidades de trabalho uberizado e precarização laboral. **Carta Social e do Trabalho**, p. 55, 2019. Disponível em: https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/08/CST-39-40_-100-anos-OIT-2019.pdf#page=59. Acesso em: 14 nov. 2020.
- DE SOUZA, M. B. C. A.; LUSSI, I. A. de O. Juventude, trabalho informal e saúde mental. **Política & Trabalho**, n. 51, p. 126-144, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.0v51n0.48293.
- DIAS, M. F. G. Uberização: reflexos da precarização do trabalho no século XXI. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, v. 4, n. 10, p. 05-10, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.4019905.
- DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Perfil dos Trabalhadores por Conta Própria do Comércio de Porto Alegre**: Informações Qualitativas e Quantitativas Subsídios para uma política de formalização. 2012. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/projetos/informalidade/relatorioGFsContaPropriaComercioPOA.pdf>. Acesso em 20 mai. 2020.
- FERRER, W. M. H.; DE OLIVEIRA, L. J. Uberização do trabalho sob a ótica do conceito de subordinação estrutural. **Revista Direito UFMS**, v. 4, n. 1, 2018. DOI: 10.21671/rdufms.v4i1.5574.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FONTES, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Revista Marx e o Marxismo–Revista do NIEP-Marx**, v. 5, n. 8, p. 45-67, 2017. DOI: 10.62782/2318-9657.2017.220.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, D. L. da S. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 17, n. SPE, p. 844-856, 2019. DOI: 10.1590/1679-395176936.

GIATTI, L.; BARRETO, S. M. Situação no mercado de trabalho e utilização de serviços de saúde no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 3817-3827, 2011. DOI: 10.1590/S1413-81232011001000017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE aponta novo crescimento do trabalho informal no Brasil**. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2020/06/28/ibge-aponta-novo-crescimento-trabalho-informal-no-brasil.html>. Acesso em 27 ago. 2020.

LIMA, T. B de; COSTA, M. da S. Trabalho informal: uma revisão sistemática da literatura brasileira na área de Administração entre 2004 e 2013. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 14, n. 2, p. 310-325, 2016. DOI: 10.1590/1679-395135137.

LIRA, P. V. R. de A. et al. Superexploração e desgaste precoce da força de trabalho: a saúde dos trabalhadores de confecção. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, 2020. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00275.

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. Departamento de Ciência de Computação e Estatística–Universidade de Santa Catarina. Santa Catarina, 2012. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/ensino_2012_1/elaboracao_questionarios_pesquisa_quantitativa.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

MATOS, Francisco da Chaga. **Determinantes da informalidade urbana na região metropolitana de São Luís-MA**. 2010, 68 f. Tese (Doutorado em Administração) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresa, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/87ab7f09-96bd-4f92-88e9-5a080820c681/content>. Acesso em: 23 abr. 2020.

MIQUILIN, I. de O. C. et al. Desigualdades no acesso e uso dos serviços de saúde entre trabalhadores informais e desempregados: análise da PNAD 2008, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, p. 1392-1406, 2013. DOI: 10.1590/S0102-311X2013000700013.

MORAES, R. B. de S. Precarização, Uberização do Trabalho e Proteção Social em Tempos de Pandemia. **NAU Social**, v. 11, n. 21, p. 377-394, 2020. DOI: 10.9771/ns.v11i21.38607.

MYRRHA, L. J. D.; WAJNMAN, S. Características e heterogeneidade do emprego doméstico no Brasil. In: **Anais Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, v. 26, p. 1-21, 2008.

NITIHARA, A. **Informalidade cai, mas atinge 38 milhões de trabalhadores**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-03/informalidade-cai-mas-atinge-38-milhoes-de-trabalhadores>. Acesso em: 17 nov. 2020.

NSC. **Desemprego entre jovens catarinenses cresceu 143% em cinco anos**. NSC, **Florianópolis, 31 mai. 2017**. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/desemprego-entre-jovens-de-sc-cresceu-143-em-cinco-anos#>. Acesso em: 16 nov. 2020.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Panorama laboral 2016 - América Latina y el Caribe**. 2016. Disponível em: <https://www.ilo.org/es/publications/panorama-laboral-2016>. Acesso em: 15 nov. 2020.

PAMPLONA, J. B. Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, p. 225-249, 2013. DOI: 10.1590/S0102-30982013000100011.

PIALARISSI, R. Precarização do trabalho. **Revista de Administração em Saúde**, v. 17, n. 66, 2017. DOI: 10.23973/ras.66.11.

RANGEL, F. et al. **O trabalho informal no comércio popular: ressignificando práticas na nova cultura do trabalho**. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7379/DissFRM.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 out. 2020.

ROLOFF, D. I. T. et al. Ações promocionais à saúde do trabalhador em empresas: contribuição interdisciplinar. **Cogitare enfermagem**, v. 24, p. 61042-61042, 2019. DOI: 10.5380/ce.v24i0.61042.

ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. 6. ed. São Paulo: EdUSP, 2011.

SILVA, A. A. do N. A. S. **Relações entre força de trabalho Uberizada e a necessidade de expansão do capital: análise do caso Sul Americano**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <http://dSPACE.unila.edu.br/123456789/5183>. Acesso em: 14 out. 2020.

TUON, L. **Quase 9 em 10 empregados no último ano estão informais**. 2019. Disponível em: <https://exame.com/economia/quase-9-em-10-jovens-que-acharam-emprego-no-ultimo-a-no-estao-informais/#:~:text=S%C3%A3o%20Paulo%20%E2%80%93%20Dos%2030%20mil,levantamento%20feito%20pela%20consultoria%20IDados>. Acesso em: 15 nov. 2020.

VIANNA, F. R. P. M.; DE SOUZA, Emanuel T. S.; CALDERARI, E. B.
Crowdsourcing e uberização: um estudo de caso sobre a Startup Docway. **Revista
Eletrônica de Sistemas de Informação**, v. 17, n. 2, 2018. DOI:
10.21529/RESI.2018.17020003.